



CONSIDERAÇÕES TERMINOLÓGICAS SOBRE OS CAMPOS SULINOS

José Newton Cardoso Marchiori

A diversidade da terminologia fitogeográfica, bem como a conceituação difusa de alguns termos usuais na literatura especializada, oferecem inequívocos óbices ao embasamento dessa ciência em nosso meio. Não restam dúvidas, portanto, quanto à necessidade de uma análise criteriosa sobre o real significado das denominações atribuídas aos diferentes tipos de vegetação. No caso do Rio Grande do Sul, este ponto adquire especial importância quando se trata das formações campestres, definidas pelos diferentes autores ora como estepes, ora como savanas ou pradarias.

Ilustração de abertura

Representação de gramíneas.
In: WALTER, H. *Vegetação e zonas climáticas*. São Paulo: EPU, 1986.

¹ FONT QUER, P. *Diccionario de Botanica*. Barcelona: Editorial Labor, 1975. 1244 p.

² AUBREVILLE, A. *Climats, forêts et désertification de l'Afrique tropicale*. Paris: Société d'Éditions Géographiques, Maritimes et Coloniales, 1949. p. 256.

³ CHEBATAROFF, J. Estepes, pradarias e savanas da América do Sul. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, n. 207, 1968, p. 3-17.

⁴ VELOSO, H. P. & GÓES-FILHO, L. Fitogeografia brasileira – classificação fisionômico-ecológica da vegetação neotropical. *Boletim técnico – Projeto RADAMBRASIL*, série Vegetação, Salvador, v. 1, p. 1-80, 1982.

Estepe

De origem russa, a palavra “estepe” remete, originalmente, a uma paisagem vegetal desprovida de árvores e cultivos, correspondendo a “deserto”, numa acepção puramente geográfica¹, isenta de conotação geobotânica. Introduzido na literatura científica, o vocábulo foi com o tempo atribuído a diferentes tipos de vegetação, segundo pontos de vista fisionômico-estruturais ou fitoecológicos.

Aubreville é um dos autores que definem “estepe” pelo critério fisionômico, com base na densidade de cobertura do solo: “uma formação herbácea de região temperada (Mar Negro, Cáspio, Turquestão), onde as gramíneas se agrupam em tufos espaçados”. É justamente pelo distanciamento relativo dos elementos constituintes que esse autor separa “estepe” de “savana”, definida como “densa pradaria tropical de altas ervas altas”.² Para o fitogeógrafo francês, quando a formação também inclui árvores e arbustos isolados, além de ervas, em solo nu ou quase descoberto, a estepe é dita “arbórea”. Outros autores, como Adolf Engler, chegam a rejeitar a adoção do nome “savana”, preferindo, em substituição, exclusivamente o de “estepe”: estepe arbórea (*Baumsteppe*); estepe herbácea (*Grassteppe*).

Sob o ponto de vista ecofisiológico, as estepes vinculam-se a ambientes de escassa umidade, resultando numa cobertura rala, onde a maioria das plantas exige adaptações xerofíticas mais ou menos manifestas.³ Atribuída, originalmente, às regiões temperadas, essa vegetação se correlaciona a clima marcado por dois períodos de estacionalidade fisiológica: um pelo frio, durante o inverno, e outro pela seca, no verão.

A Reunião de Yangambi, em 1956, estendeu a denominação para vegetações do Reino Paleotropical submetidas à estacionalidade bixérica. Pelo mesmo critério, a classificação fisionômico-ecológica do Projeto RadamBrasil considerou a Caatinga nordestina como homóloga da “Estepe africana”, reconhecendo uma pequena área no extremo sul do país, na “Campanha do Sudoeste gaúcho”, como homóloga da “Estepe dos climas temperados”.⁴

Em outra classificação de natureza fitoecológica, Pedro Furtado Leite reconheceu todos os campos sul-riograndenses como “estepes”, distinguindo os do Planalto Sul-Brasileiro como “Estepe Ombrófila” e os demais (Serra do Sudeste, Campanha do Sudoeste gaúcho) como “Estepe Estacional”. Foram ainda definidas três formações para a Estepe Ombrófila (“Parque”, “Gramíneo-Lenhosa” e “Contato Estepe Ombrófila/Floresta Ombrófila Mista”) e

cinco para a Estepe Estacional (“Arbórea Aberta”, “Parque”, “Gramíneo-Lenhosa”, “Contato Estepe Estacional/Floresta Estacional Semidecídua Moderada”, “Contato Estepe Estacional/Floresta Estacional Decídua”).⁵

A diversidade das acepções geobotânicas atualmente conferidas ao termo, levaram o dicionarista Font Quer a considerar “estepe” como verdadeiro *nomen ambiguum*, não susceptível de definição.⁶

Savana

À semelhança de estepe, a palavra “savana” também recebeu diferentes significados ao longo do tempo, não apenas com relação à sua origem, restrita a uma região geográfica bem definida, mas, sobretudo, após sua adoção na literatura fitogeográfica.

Diversos filólogos não castelhanos derivam o vocábulo de uma acepção metafórica de *sábana*, que na língua de Cervantes significa “lençol”. Esta hipótese não resiste, todavia, à análise linguística, pois *sábana* e *sabána* sempre foram vozes distintas, sob qualquer ponto de vista.⁷

Sabe-se hoje, sem a menor sombra de dúvida, que o nome é originário da América e provém do taino, pertencente ao grupo linguístico aruaque, cujas manifestações se estendem desde a Flórida até o Paraguai e do litoral peruano à embocadura do Amazonas.

Atribuída originalmente aos campos do Caribe e região norte da América do Sul, a palavra também possui o mesmo significado entre os Barés do rio Casiquiare, ao norte da Amazônia.⁸ Cabe, todavia, assinalar que seu registro é recente no Brasil⁹, não constando nas obras de Guilherme Piso¹⁰, Jorge Marcgrave¹¹, Gabriel Soares de Sousa¹² e em outros antigos relatos sobre o país. O próprio Martius, que conhecia o étimo taino¹³, não o empregou na descrição das formações campestres brasileiras, preferindo nomes de uso regional: campos, campos gerais, campos abertos, campos agrestes, campos mimosos, campos de vacaria.¹⁴

Com relação ao taino, convém salientar que muitas de suas palavras tornaram-se comuns no português do Brasil. Dentre outras, é o caso de batata (batatas), aplicada originalmente à batata-doce (*Ipomoea batatas*), de goiaba (guayava – *Psidium guayava*), de cacau (cacao – *Theobroma cacao*), de milho (mahys, mays – *Zea mays*), de tomate (tomates – *Solanum lycopersicum*), de banana (bananas – *Musa paradisiaca*), de mangue (mangle – *Rhizophora mangle*), de caoba (cahoba – *Swietenia mahogany*) e de amendoim (mani – *Arachis hypogaea*). Até mesmo o nome

⁵ LEITE, P. F. As diferentes unidades fitoecológicas da região sul do Brasil - Proposta de Classificação. *Cadernos de Geociências*, n. 15., p.73-164, 1995.

⁶ FONT QUER, P. *Op. cit.*, p. 425.

⁷ CUERVO, R. J. *El castellano en America*. Buenos Aires: El Ateneo, 1947. p. 145.

⁸ NIMUENDAJÚ, C. *Idiomas indígenas del Brasil*. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, Museo de Historia Natural, Instituto de Etnología, 1932. p. 593.

⁹ A palavra *savána* significa campo, segundo registro de Curt Nimuendajú, levantado com o índio Luiz Xavier, de Solano, em junho de 1927.

¹⁰ PISO, G. *História natural e médica da Índia Ocidental*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957. 685 p.

¹¹ MARCGRAVE, J. *História natural do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1942. 293 p.

¹² SOUZA, G. S. de. *Notícia do Brasil*. São Paulo: Departamento de Assuntos Culturais do M.E.C., 1973. 484 p.

¹³ Zavana, zanaga, mazagua (MARTIUS, C. F. P. von. *Glossaria Linguarum Brasiliensium* - Glossários de diversas línguas e dialectos, que fallao os indios no Imperio do Brazil. Erlangen: Druch von Junge & Sohn, 1863. p. 314).

¹⁴ MARTIUS, C. F. P. von. *A Viagem de von Martius. Flora Brasiliensis* - v. 1. Rio de Janeiro: Index, 1996. 140 p.

da capital de Cuba (Havana) inclui-se nesta lista, por ser uma corruptela de savana.

Uma das abonações mais antigas, de Pedro Mártir de Anglería¹⁵, aparece no relato da expedição de Vasco Núñez de Balboa aos domínios do cacique Carlos Comogro, ao final de 1513. Publicado em *Décadas del Nuevo Mundo*¹⁶, a palavra remete a uma extensa planície com vegetação campestre: “El palacio de este Comogro está situado al pie de una colina bien cultivada, y tiene al mediodía fértil planície, doce leguas de ancha, y los indígenas la llaman *Zauana*”.¹⁷

Gonzalo Fernandez de Oviedo, que conviveu com o gentio taino em Santo Domingo, ainda no primeiro quartel do século XVI, registrou o significado original da palavra em pelo menos duas passagens de sua famosa *Historia General y Natural de las Indias*: “Este nombre sabana se dice a la tierra que está sin arboledas, pero con mucha e alta hierba, o baja”.¹⁸ Em outro trecho, lê-se, ainda: “Llaman sabana los indios, como en otro lugar lo tengo dicho, las vegas e cerros e costas de riberas, si no tienen árboles, e a todo terreno que está sin ellos, con hierba o sin ella”.¹⁹

Na descrição da natureza americana, Oviedo vale-se repetidas vezes do termo, principalmente com relação aos “Llanos”²⁰ da Venezuela: “E la nao capitana, que al subir del rio la habian dejado en un estero junto ao rio de Huyapari, la hallaron en seco mas de dos leguas y media dentro en tierra, en una sabana o campo, que apenas se parecia la nao entre la hierba”.²¹

Extraído do relato da excursão do governador Diego de Ordaz pelo rio Huyapari (atual Orenoco), iniciada em 23 de junho de 1532, este último fragmento merece transcrição por revelar as condições ambientais dominantes neste verdadeiro arquétipo das savanas: uma vegetação campestre, pontilhada de árvores esparsas, em região tropical com duas estações definidas. No caso do Orenoco, o rio transborda na estação das chuvas, alagando extensas planícies, de modo que a nau capitânea, como visto, acabou encalhada em meio a pastos ressequidos, com a chegada da estação seca. Mais importante, todavia, é a confirmação de que savana corresponde originalmente a “campo”, constituindo um termo de uso regional para esta vegetação. Em outro trecho, da mesma obra, pode-se ler a respeito do rio Yuma:

*Es su tierra muy llana y de muchas sabanas enjutas en el verano; y en invierno, por la creciente del rio, que es muy grande, se alagan y cubren de agua y se extiende por todas ellas, de tal forma que no se puede andar sino en canoas dos o tres leguas por las sabanas, arponando y tomando pescado.*²²

¹⁵ Natural da Itália, Pietro Martire D’Anghiera nasceu em 1475 e faleceu em 1526. Cronista da corte de Carlos I e membro do “Conselho Supremo de las Indias”, é considerado o primeiro historiador da América.

¹⁶ A primeira edição latina foi publicada em Alcalá de Henares (Espanha), no ano de 1530.

¹⁷ ANGLERÍA, P. M. de. *Décadas del Nuevo Mundo*. Buenos Aires: Editorial Bajel, 1944. p. 223.

¹⁸ OVIEDO, G. F. de. *Historia general y natural de las Indias*. v. 1. Madrid: Biblioteca de Autores Españoles, 1992. p. 128.

¹⁹ OVIEDO, G. F. de. *Op. cit.*, v. 1, p. 160.

²⁰ Região de savanas, na Venezuela central, drenada pelos afluentes da margem esquerda do rio Orinoco.

²¹ OVIEDO, G. F. de. *Op. cit.*, v. 2, p. 394-5.

²² OVIEDO, G. F. de. *Op. cit.*, v. 3, p. 13.

Também o padre jesuíta Joseph de Acosta registrou a palavra como sinônimo de campo ou campina, em sua *Historia natural y moral de las Indias*: “Como allá nunca hay invierno que llegue a frío, y la humedad del cielo y del suelo es tanta, de ahí proviene que las tierras de montaña producen infinita arboleda, y las de campiña, que llaman sabanas, infinita yerba”.²³

²³ ACOSTA, P. J. de. *Historia Natural y Moral de las Indias*. México: Fondo de Cultura Económica, 1962. p. 193.

Na literatura dos viajantes-naturalistas, o termo sempre aparece nas descrições dos *Llanos*, como neste precioso registro de Alcide D’Orbigny:

*Foi em 12 de março, ao pé dos montes Ocumare, que penetramos nos Llanos. Vi pela primeira vez aquelas planícies imensas, e seu aspecto de lúgubre uniformidade me oprimiu o coração. Dir-se-ia um lago a perder de vista, quieto e monótono, um oceano coberto de algas marinhas. Sob as refrações do sol, o horizonte era uniforme e puro em algumas partes, ondulado e cheio de estrias em outras. A terra parecia confundir-se com o céu. Sobre toda aquela planície coberta por ralas gramíneas, nenhum grupo de árvores, nenhuma brotação. Quando muito, aqui e ali, algumas palmeiras, quase todas descoroadas, elevavam seus troncos em direção ao céu, qual mastros de navios. Essas árvores só contribuía para completar a ilusão: formavam o acessório obrigatório daquele mar de savanas.*²⁴

²⁴ D’ORBIGNY, M. A. *Voyage Pittoresque dans les Deux Amériques*. Paris: L. Tenré et Henri Dupuy, 1836. p. 60. (Tradução de Zília Mara Pastorello Scarpari).

Antes de D’Orbigny, Alexander von Humboldt já havia descrito a mesma paisagem em seu relato de viagem²⁵ às “regiões equinociais do Novo Continente”. Por esta primazia e pela importância dos *Llanos* na concepção original da savana, vale destacar um pequeno trecho, mesmo atendendo-se basicamente à informação do francês, que, inclusive, apropriou-se de algumas de suas imagens e palavras:

²⁵ A célebre viagem de Alexander von Humboldt e do botânico francês Aimé Bonpland pelas “duas Américas” estendeu-se de 1799 e 1804.

*As planícies que nos rodeiam parecem remontar-se ao céu, e imensa solidão se oferecia ao nosso olhar, como um mar coberto de algas marinhas. Céu e terra confundiam-se. Através da névoa seca e do vapor divisavam-se, à distância, troncos de palmeiras. Privados de seus verdejantes penachos, aqueles troncos pareciam mastros de navios assomando no horizonte. A monotonia destas estepes tem algo de grandioso, porém também de triste e opressivo. Dir-se-ia que a natureza inteira se encontra paralizada; somente de vez em quando se projeta ao longe, sobre a savana, a sombra de uma nuvenzinha que, avançando apressada em direção ao zênite, parece anunciar a proximidade da estação chuvosa.*²⁶

²⁶ HUMBOLDT, A. de. *Del Orinoco al Amazonas*. Barcelona: Editorial Labor, 1962. p. 167-168. (tradução do autor).

²⁷ Em 1805, Alexander von Humboldt publicou, em Paris, a obra *Essai sur la géographie des plantes; accompagné d’un tableau physique des régions équinoxiales*, onde lançou as bases de um novo ramo da ciência, que considera os vegetais segundo as relações de sua associação local em diferentes climas.

Cabe observar que o fundador da “Geografia das Plantas”²⁷, ao referir-se aos *Llanos*, emprega tanto o nome regional

²⁸ Aportuguesamento adotado pelo tradutor para a vocábulo “Llanos”.

²⁹ HUMBOLDT, A. von. *Quadros da natureza*. v. 1. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1950. p. 185-6.

³⁰ HUMBOLDT, A. von, *Op. cit.*, 1962. p. 168.

³¹ ALVES, A. F. C. *Espumas flutuantes*. Salvador: Edições GRD, 1970. 205 p. (Edição fac-similada da Príncipe de 1870). p. 18.

³² CUNHA, E. da. *Os Sertões*. São Paulo: Abril Cultural, 1982. p. 45.

³³ “É a *sylva aestu aphylla*, a *sylva horrida*, de Martius, abrindo no seio iluminado da natureza tropical um vácuo de deserto. Compreende-se, então, a verdade da frase paradoxal de Auguste de Saint-Hilaire: *Há, ali, toda a melancolia dos invernos, com um sol ardente e os ardores do verão!*” (Cunha, E. da. *Op. cit.* p. 41).

³⁴ A citação de Euclides da Cunha visa ilustrar uma das três categorias geográficas que desempenham fundamental influência sobre o homem, “criando diferenciações étnicas”: a das “estepes de vegetação tolhiça, ou vastas planícies áridas”.

³⁵ AZEVEDO, F. de. *A Cultura Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, Editora da USP, 1971. p. 59.

³⁶ SOUZA, B. J. de. *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. 433 p.

de savana, como o de estepe. Em outra obra, aparecem novos elementos à sua caracterização do ambiente: “O solo dos plainos²⁸ é tão uniforme que há, em muitos sítios, espaços de trinta milhas quadradas sem a mínima elevação. (...). Nestes bancos tem origem os riachos que regam as estepes”.²⁹

Examinando a vegetação sob o ponto de vista fisionômico, Humboldt compara as savanas do Orenoco, marcadas por uma prolongada estação seca, com as estepes do Velho Continente, chegando a afirmar, em outro trecho:

*Os llanos ou pampas americanos são verdadeiras estepes. Na estação chuvosa têm um formoso verde, e na mais seca adquirem o aspecto de desertos. A erva se desfaz e reduz a pó; o solo se enche de gretas; o crocodilo e as grandes serpentes se enterram no barro seco, à espera de que os primeiros aguaceiros de primavera os tirem de sua prolongada letargia.*³⁰

Vale salientar que no início do século XIX, dado o incipiente desenvolvimento da Geobotânica, a palavra “savana” ainda não possuía a acepção fitoecológica adquirida posteriormente, que serviu para distingui-la de “estepe” e de outras formações campestres. É também com sentido impreciso, correspondente a “campo”, que a palavra é geralmente empregada no Brasil, inclusive em alguns textos de corte geográfico. Não surpreende, portanto, o sentido vago, conferido a estes conhecidos versos de Castro Alves, em *Ahasverus e o Genio*:

*D’Asia as florestas – lhe negaram sombra
A savana sem fim – negou-lhe alfombra.
O chão negou-lhe o pó!... .*³¹

Também Euclides da Cunha vale-se do termo “savana”, em sua memorável descrição do meio físico vinculado ao sertanejo nordestino: “Os *Llanos* da Venezuela; as savanas que alargam o vale do Mississipi, os pampas desmedidos e o próprio Atacama desatado sobre os Andes – vasto terrazzo onde vagueiam dunas – inscrevem-se rigorosamente nos primeiros”.³² Autor de uma famosa definição da caatinga³³, vê-se pela citação que Euclides também não fazia maior diferença entre as tipologias campestres.³⁴

O sentido impreciso subsiste, igualmente, na maioria das obras geográficas ou de cunho sociológico, como na monumental *A Cultura Brasileira*, de Fernando de Azevedo, onde os campos rio-grandenses figuram como savanas.³⁵ A introdução recente na literatura especializada do país, demonstra-se, cabalmente, pela ausência do termo na conhecida onomástica geográfica de Bernardino José de Souza.³⁶

Incorporada ao vocabulário científico em meados do século XX, o termo serviu para designar vegetações muito distintas, tanto pelo ponto de vista fitoecológico como fisionômico-estrutural.

Uma das primeiras definições, proposta por Lanjouw, ainda vincula a palavra a uma região geográfica precisa: “Savanas são planícies das Índias Ocidentais e norte da América do Sul, cobertas por ervas e pequenos arbustos mais ou menos xeromórficos e com poucas árvores ou arbustos maiores”.³⁷

Trochain considera as savanas típicas, como formações vegetais abertas, dominadas por gramíneas e necessariamente entremeadas de arbustos ralos ou árvores em grupos isolados.³⁸

Com base em critério fisionômico-estrutural, eminentes fitogeógrafos, como Aubreville, distinguem “savana” pela densidade de cobertura do solo, definindo-a como uma “densa pradaria tropical de ervas altas”.³⁹ Na ausência de plantas lenhosas regularmente dispersas, alguns autores preferem o nome de “pradaria” em regiões tropicais, mas nunca de estepe. Outros fitogeógrafos, ao contrário, chamam de “estepe” as formações campestres com plantas dispersas, que deixam o solo em grande parte descoberto, e de “pradaria” quando a cobertura é densa e contínua.

Pelo critério fitoecológico, savanas são vegetações típicas de países tropicais, cujo clima é marcado pela vigência de uma estação seca. Mesmo em áreas com precipitação anual abundante, a existência desse período com déficit hídrico, quando suficientemente longo, basta para determinar aos órgãos aéreos vegetais um caráter xerofítico, facilmente reconhecido na natureza.⁴⁰ É o caso dos Llanos do Orenoco e de áreas similares ao norte da América do Sul e Caribe, onde se encontram as verdadeiras savanas, pelo menos no sentido histórico do termo. Como tais condições são comuns na faixa intertropical do mundo, a tipologia se estende a outras regiões e continentes.

O Cerrado do Brasil central também constitui uma verdadeira savana, pelo critério fitoecológico. Com sua estrutura variável, segundo as condições edáficas e de relevo, sua vegetação compreende um estrato baixo, dominado por hemicriptófitas e caméfitas, e outro mais rarefeito, com nanofanerófitas de troncos retorcidos e cascas espessas. É justamente a variação dessa sinúsia arbórea, que permite separar as distintas feições de cerrado (cerradão, campo cerrado, parque e campo).

³⁷ LANJOUW, J. Studies on the vegetation of the Suriname savannahs and swamps. *Meded. Bot. Mus. Herb. Rijks Univ. Utrecht*, n. 33, p. 823-851, 1936.

³⁸ TROCHAIN, J. *Nomenclature et classification des milieux végétaux de l'Afrique Noire Française*. Paris: Div. Ecol. du Monde, 1955.

³⁹ AUBREVILLE, A. *Op. cit.*, p. 256.

⁴⁰ FONT QUER. P. *Op. cit.*, p. 961.

Para o continente africano, três modalidades são geralmente reconhecidas: a “savana de gramíneas sem árvores”, subdividida em “alta” (*tall grass*) e “baixa” (*low grass*); a “savana arbustiva” (*bush savannah*), onde ao *graminetum* associam-se arbustos e arvoretas; e a “savana arbórea”, salpicada de grandes árvores, como o baobá (*Adansonia digitata*) e espécies do gênero *Acacia*. À medida que o elemento arbóreo cresce em importância sinecológica, passa-se, quase imperceptivelmente, à “savana arbórea”, onde o estrato arbustivo-herbáceo funciona como sub-bosque do *arboretum* dominante.⁴¹

⁴¹ FONT QUER, P. *Op. cit.*, p. 961.

Na realidade, são inúmeros os tipos de savanas e a passagem de um tipo para outro dá-se de forma quase imperceptível em zonas de topografia suave e solos relativamente uniformes. Chebataroff observa que são raras as savanas naturais completamente desprovidas de árvores, mas que o homem pode facilmente criar esse tipo de vegetação, por meio do fogo.⁴²

⁴² CHEBATAROFF, J. *Op. cit.*, p. 3-17.

Na América do Sul, além dos *Llanos* do Orenoco e do Cerrado brasileiro, diversos autores também reconhecem a existência de savanas na região subtropical. Uma “savana uruguaia”, por exemplo, foi reconhecida para o pampa ondulado deste país, bem como para a parte austral do Rio Grande do Sul e áreas adjacentes da Argentina, a leste do rio Paraná, compondo uma província fitogeográfica mais ou menos intermediária entre o pampa da província de Buenos Aires e as florestas subtropicais e savanas, situadas ao norte.⁴³

⁴³ SMITH, A. C. & JOHNSTON, I. M. A Phytogeographic sketch of Latin America. In: VERDOORN, F. *Plants and plant science in Latin America*. Waltham: Chronica Botanica Company, 1945. p. 16.

A partir de 1975, a equipe do Projeto Radambrasil também interpretou como savanas os campos do Planalto das Araucárias, bem como áreas do Planalto Médio e da Serra do Sudeste gaúcho, condicionando sua existência a fatores ambientais: clima estacional; solos rasos ou arenosos lixiviados; relevo geralmente aplainado; pedogênese férrica (solos distróficos ou álicos); e vegetação gramíneo-lenhosa.⁴⁴ Sob o ponto de vista fitoecológico, o “repouso vegetativo hibernal” corresponde à vigência da estação seca, característica das regiões tropicais com savanas. Reunindo hemi-criptófitas, geófitas, caméfitas e raras terófitas, a florística das savanas gaúchas baseia-se principalmente em Gramíneas, Ciperáceas, Compostas, Leguminosas e Verbenáceas. As fanerófitas, representadas por espécies lenhosas, aparecem com maior ou menor frequência, permitindo distinguir três formações, sob critério fisionômico-ecológico: “Savana Arbórea Aberta”, “Savana Parque” e “Savana Gramíneo-lenhosa”.⁴⁵

⁴⁴ TEIXEIRA, M. B. & COURA NETO, A. B. Vegetação – As regiões fitoecológicas, sua natureza e seus recursos econômicos. Estudo fitogeográfico. In: IBGE. *Folha SH-22 Porto Alegre e parte das folhas SH-21 Uruguaiana e SI-22 Lagoa Mirim*. Rio de Janeiro, 1986. 79 p. (Levantamento de Recursos Naturais, 33). p. 541-632.

⁴⁵ TEIXEIRA, M. B. & COURA NETO, A. B. *Op. cit.*, 552-560.

Os campos do “Planalto da Campanha”, como visto anteriormente, foram definidos pelo RadamBrasil como Estepes. Entre as duas tipologias, nos terrenos arenosos drenados pelos rios Ibicuí e Santa Maria, bem como em parte das Missões, a identificação de uma “Savana Estépica”, com as formações “Gramíneo-Lenhosa”, “Arbórea” e “Parque”⁴⁶, parece justificar-se mais como tampão ou transição fitogeográfica entre as referidas áreas de “savana” e “estepe”, do que, propriamente, pelas peculiaridades de sua vegetação.

⁴⁶ TEIXEIRA, M. B. & COU-
RA NETO, A. B. *Op. cit.*, p.
562-564.

Pradaria

Com relação à “pradaria”, cabe de início salientar que o termo é pouco utilizado na literatura fitogeográfica brasileira e sul-rio-grandense, ao contrário da América do Norte (*prairie*) e dos países do Prata, onde a forma castelhana (*pradera*) serve freqüentemente para designar tanto o “pampa úmido” da província de Buenos Aires, como o “pampa ondulado” uruguaio e entrerriano.

Segundo Chebataroff, pradarias são “formações gramíneas de regiões temperadas, com apreciável umidade e invernos não muito intensos”, enquanto as savanas distinguem-se pelo caráter tropical ou subtropical, sejam elas herbáceas, mistas ou acentuadamente arborizadas. As estepes, por sua vez, podem resultar de uma degradação de pradarias ou savanas, pela crescente aridez do meio ambiente.⁴⁷ Para o mesmo fitogeógrafo, tanto os campos do Uruguai, como os do sul do Brasil, da Mesopotâmia e da porção mais oriental do Pampa argentino, constituem exemplos de verdadeiras pradarias.

⁴⁷ CHEBATAROFF, J. *Op. cit.*, p. 9-11.

Classificação dos campos sul-rio-grandenses

Ainda longe de consenso, os campos do Rio Grande do Sul são classificados ora como estepes, ora como savanas, savana-estépicas ou pradarias, pelos diferentes autores. Mais do que filigrana acadêmica, esta polêmica terminológica reveste-se de importância, por estar estreitamente vinculada a um tema fundamental na ciência fitogeográfica: a questão da homologia entre vegetações.

A definição dos campos sulinos como estepes, por exemplo, realizada com vistas a uma sintonia com a “nomenclatura fitogeográfica intertropical”⁴⁸, esbarra na dificuldade insustentável de reunir, sob a mesma tipologia, realidades muito distintas, como é o caso dos campos sul-rio-grandenses e a vegetação típica da Patagônia argentina, para ater-se à América do Sul. Englobando realidades vegetacionais

⁴⁸ VELOSO, H. P. & GÓES-
FILHO, L. *Op. cit.*, p. 11.

muito diferentes, sob quaisquer pontos de vista, a palavra “estepe” acaba, deste modo, por transformar-se em verdadeiro *nomem ambiguum*, não susceptível de definição, como, aliás, já reconhecia Font Quer.⁴⁹

O acréscimo de epítetos à palavra “estepe”, apesar de contornar eventuais questionamentos terminológicos, tem, por vezes, suscitado dificuldades ainda maiores, como é o caso de “Estepe Ombrófila”, atribuída, entre outros, aos “Campos de Cima da Serra” no Rio Grande do Sul.⁵⁰ A palavra “ombrófila” opõe-se, inequivocamente, à concepção fitoecológica tradicional de estepe, associada historicamente à aridez, soando como absurdo. Não se discute, neste caso, a ombrofilia, que é uma característica dominante no Estado, mas a atribuição do epíteto à referida vegetação campestre, bem como sua identificação como estepe.

A respeito dos campos gaúchos, o reconhecimento das três tipologias clássicas no espaço regional – savana, estepe e savana-estépica – é outro ponto que merece reparos.⁵¹ Não se pode esquecer que savana e estepe são termos fitogeográficos historicamente aplicados a vegetações muito distintas entre si, tanto pelo ponto de vista fisionômico-estrutural, como pelos aspectos fitoecológicos envolvidos, causando estranheza o reconhecimento das referidas tipologias num espaço relativamente pequeno e homogêneo, como é o caso das áreas campestres no Rio Grande do Sul. As diferenças florístico-estruturais dos campos sulinos refletem, em verdade, muito mais as variantes edáficas do que efeitos climáticos substanciais, alternando-se frequentemente em mosaico.

Ilustra muito bem este ponto, a distribuição dos butiazais nos “campos de areia”⁵² do sudoeste gaúcho, notadamente nos municípios de Manoel Viana, São Francisco de Assis e Alegrete. Incluídos na “região da Savana-Estépica”, pelo Radambrasil, esta associação compõe manchas dispersas, em estreita dependência edáfica, separadas por áreas de vegetação distinta, principalmente nas várzeas. Resta acrescentar que os butiazais, cuja existência não foi lembrada na caracterização da “Savana-Estépica”, constitui uma das fisionomias mais marcantes no espaço regional, sobretudo pela dominância de formas de vida conspícuas em verdadeiras savanas, como no Cerrado brasileiro: a coexistência de gramíneas, com palmeiras anãs (*Butia paraguayensis*) e uma diversificada flora de nanofanerófitas, notadamente de mirtáceas (*Hexachlamys humilis*, *Psidium incanum*, *P. luridum*, *Campomanesia aurea*, *Eugenia arenosa* e *E. pitanga*, entre outras).

⁴⁹ FONT QUER, P. *Op. cit.*, p. 425.

⁵⁰ Termo cunhado por Pedro Furtado Leite, em dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Engenharia Florestal da Universidade Federal do Paraná. O texto foi posteriormente publicado em revista científica (LEITE, P. F. *Op. cit.*, p. 73-164).

⁵¹ O reconhecimento das três tipologias no espaço regional parece dominante no pensamento fitogeográfico brasileiro do final do século XX, graças ao Projeto Radambrasil. Entre outras obras, salientam-se: LEITE, P. F. & KLEIN, R. M. *Vegetação. In: IBGE. Geografia do Brasil. Região sul.* Rio de Janeiro: IBGE, 1990, v. 2, p. 113-150.; e TEIXEIRA, M. B. & COURA NETO, A. B. *Op. cit.*, p. 541-632.

⁵² Termo de uso regional, consagrado em poema e livro homônimo de João Otávio Nogueira Leiria.

A situação geográfica do Estado gaúcho na América do Sul, o estreitamento latitudinal desse continente e seu posicionamento no hemisfério austral, marcado por reduzida percentagem de terras emersas, estão entre os fatores que, juntamente com a influência da corrente de águas quentes no litoral, determinam os aspectos dominantes na circulação atmosférica regional e a atual vigência de um clima ombrófilo no Rio Grande do Sul; de outro modo, o espaço sul-rio-grandense integraria a faixa seca subtropical do mundo. Essa conjunção de fatores, por outro lado, também permite explicar, pelo menos em parte, a inadequação dos termos savana e estepe, aos atuais campos sulinos.

Cabe lembrar, todavia, que um clima relativamente frio e seco, ao final do Pleistoceno, imprimia características de verdadeira estepe à vegetação dominante em toda a região, e que o aquecimento e umidificação verificados no Holoceno produziram uma “savanização” da paisagem, ou seja, a aquisição de aspectos fisionômico-estruturais, bem como a presença marcante de formas de vida comuns em savanas, o que não implica, necessariamente, na definição da moderna vegetação regional como sendo uma verdadeira savana. Esta feição híbrida dos campos sulinos é, provavelmente, o que levou autores, como Cabrera & Willink, a referir-se à vegetação de sua “Província Pampeana” nas planícies do leste da Argentina, entre os 30 e 39 graus de latitude sul, bem como no Uruguai e metade austral do estado do Rio Grande do Sul, como “estepe ou pseudo-estepe”.⁵³ De modo diverso, os mesmos fitogeógrafos argentinos consideram os campos do planalto sul-brasileiro como “savanas de gramíneas, com arbustos e arvoretas isoladas”.⁵⁴

A denominação de savana, todavia, mostra-se inadequada à realidade sul-rio-grandense, em face da predominância de gramíneas baixas na vegetação e da vigência do clima Cfb, tanto na região do Escudo, como no Planalto Médio e nos Campos de Cima da Serra. No Estado, inexistente clima estacional com período seco pronunciado. Ao contrário, em todo o Rio Grande do Sul o clima atual mostra-se nitidamente ombrófilo. Como relictos de um clima semi-árido pleistocênico, as matas conquistaram terreno aos primitivos campos, a partir das matas de galeria, dos capões de nascentes e das matas em escarpas montanhosas, na vigência do clima “constantemente-úmido e rico em chuvas do Holoceno”.⁵⁵ Com base em Schimper⁵⁶ e Lindman⁵⁷, Rambo já havia postulado a mesma conclusão, ao reconhecer que “grande parte dos campos são relictos dum clima mais seco, hoje lentamente sujeitos à invasão da selva pluvial e do pinhal”.⁵⁸

⁵³ CABRERA, A. L. & WILLINK, A. *Biogeografía de América Latina*. Washington: Secretaria General de la Organización de los Estados Americanos, 1973. p. 79.

⁵⁴ CABRERA, A. L. & WILLINK, A. *Op. cit.*, p. 81.

⁵⁵ MAACK, R. *Geografía física do Estado do Paraná*. Curitiba: Banco de Desenvolvimento do Paraná/Universidade Federal/Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, 1968. 350 p.

⁵⁶ SCHIMPER, A. F. W. *Plant geography upon physiological basis*. Oxford: Clarendon Press, 1903. 839 p.

⁵⁷ LINDMAN, C. A. M. *A vegetação no Rio Grande do Sul (Brasil austral)*. Porto Alegre: Echenique Irmãos & Cia., 1906. 356 p.

⁵⁸ RAMBO, B. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Selbach, 1956. *Op. cit.*, p. 411.

A divergência terminológica, observada em classificações recentes da vegetação sul-rio-grandense, demonstra que os nomes de “savana” e “estepe” resultam forçados no espaço regional, justificando-se, antes, pela discutível conveniência de um atrelamento terminológico à nomenclatura fitogeográfica internacional, do que, propriamente, a uma interpretação bem fundamentada na natureza das respectivas formações campestres.⁵⁹ Na ausência de sólido embasamento, parece preferível a denominação tradicional de campos, como proposto originalmente por Lindman e adotado por eminentes estudiosos da vegetação sul-brasileira, incluindo Balduino Rambo.

Em seu clássico estudo sobre a vegetação sul-rio-grandense, Lindman já assinalava que a palavra “campo” servia, regionalmente, para designar áreas desprovidas de mata, abrangendo “territórios com fisionomia tão distinta que a população lhes dá nomes diversos, como: potreiro, grama-do, pantanal, chapadão, cerradão, charravasco etc.”⁶⁰ Tendo percorrido o Rio Grande do Sul ainda numa época de reduzida influência antrópica, o fitogeógrafo sueco salientou que os campos “nunca são completamente destituídos de árvores”, sendo “difícil encontrar uma só milha quadrada em que não entrasse na paisagem um grupo de árvores ou uma parte florestal”⁶¹, justificando o uso generalizado do termo, pelo nítido contraste entre a mata virgem (mata, capão) e as formações campestres:

*Em lugar do nome “savana” que nunca se ouve no Brasil, nem no Paraguai, Uruguai ou Argentina, e que pertence a uma região pequena (Guiana), uso, como toda a população indígena, o nome de “campos”, que me parece preferível na geografia botânica. Sigo neste ponto os autores dinamarqueses. Os autores alemães muitas vezes germanizam esta palavra para Kamp.*⁶²

⁵⁹ Até mesmo na Campanha do Sudoeste não se verificam períodos com déficits de chuvas, se consideradas as curvas ombrotérmicas das médias mensais, na relação $P < ou = 3T$.

⁶⁰ LINDMAN, C. A. M. *Op. cit.*, p. 37.

⁶¹ LINDMAN, C. A. M. *Op. cit.*, p. 115.

⁶² LINDMAN, C. A. M., *Op. cit.*, p. 36.

José Newton Cardoso Marchiori é engenheiro florestal, doutor em Ciências Florestais e professor do Departamento de Ciências Florestais da Universidade Federal de Santa Maria. marchiorijnc@infoway.com.br